



## **A SOCIEDADE DO CANSÃO DE BYUNG- CHUL-HAN: O EXISTENCIALISMO DA DIGITALIZAÇÃO DAS REDES**

*Marcos André Melo Monte Palma*

Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Salesiana Dom Bosco (2021). E-mail: [marcosmontepalma27@gmail.com](mailto:marcosmontepalma27@gmail.com)

*Villian da Costa Herculano*

Graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (2000). Psicopedagoga e Interdisciplinaridade / ULBRA. Mestrado em Ensino de Ciências pela Universidade do Estado do Amazonas. Docente da Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas. Atuou no ITEPES - Instituto de Teologia Pastoral e Ensino Superior da Amazônia. Atuou no Programa Federal PARFOR da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Docente em Ética do Curso de Pós-Graduação da FSDB/Faculdade Salesiana Dom Bosco. Docente da Pós-Graduação do Instituto Vision. Docente dos Cursos Acadêmicos de Administração/Logística/Processos Gerenciais/Serviço Social e Filosofia da FSDB. Coordenadora do NEFA-Núcleo de Estudos Filosóficos Artemisa (Pesquisas e Estudos em andamento sobre o Pensamento Filosófico Feminino). E-mail: [villiancosta@yahoo.com.br](mailto:villiancosta@yahoo.com.br)

### **RESUMO**

O presente artigo visa analisar a sociedade do cansaço à luz do pensamento do filósofo Sul-Coreano Byung-Chul-Han como consequência a autoexploração entrelaçada na digitalização nas redes sociais. Nesta ótica, os seus escritos devem ser situados na base dos estudos permeados pelo pensamento existencial pautado na digitalização nas redes sócias. Este trabalho tem a intenção de apresentar a construção do pensamento de Han na sociedade do cansaço. Busca-se situar o leitor no contexto histórico do pensador, apresentar seu conceito de cansaço e os termos fundamentais da constituição do arcabouço teórico-filosófico a partir de suas obras. Possibilita-se uma reflexão sobre o cansaço que prepondera nos dias atuais, pautado com veemência na digitalização nas redes sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Byung-Chul-Han. Cansaço. Existencialismo. Digitalização.

## **BYUNG-CHUL-HAN'S SOCIETY OF TIREDNESS: THE EXISTENTIALISM OF NETWORK DIGITALIZATION**

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze the society of tiredness in the light of the thinking of the South Korean philosopher Byung-Chul-Han as a consequence of the self-exploration intertwined in the digitalization on social networks. In this light, his writings must be placed on the basis of studies permeated by existential thinking based on digitalization in social networks. This work intends to present the construction of Han's thinking in the society of tiredness. It seeks to situate the reader in the historical context of the thinker, to present his concept of tiredness and the fundamental terms of the constitution of the theoretical-philosophical framework according to his works. It enables a reflection on the tiredness that prevails in the current days, guided with vehemence in the digitalization in social networks.

**KEYWORDS:** Byung-Chul-Han. Tiredness. Existentialism. Scanning.

### **1 INTRODUÇÃO**

A sociedade do cansaço de Byung-Chul-Han (2015) é marcada numa época de efemeridade e esgotamento, trata-se de uma forma precisa de evidenciar e transmitir aspectos de valorização dos indivíduos inquietos e hiperativos que se estabelecem no cotidiano realizando e produzindo múltiplas tarefas. É comum atualmente, de forma mais explícita que outrora, ouvirmos o seguinte slogan: a sociedade está cada vez mais individualista, centrada em si, egoísta, digitalizada e de quebra narcisista, indivíduos valorizando o ter e não mais o ser, em consequência a isso, o narcisista é cego na hora de ver o outro, afirma Han.

O comportamento individualista parece prevalecer nos dias atuais como forma de liberdade, todavia, é notoriamente percebido que o indivíduo se torna cada vez mais escravo de seu individualismo. Torna-se dono somente de si e com isso, acarreta sérios cansaços neuronal patológico causado pela ideia conjectural implantado dentro da sociedade.

O cansaço para Han é caracterizado pelo próprio indivíduo que se auto explora e sem perceber, acredita que isso seja sua realização. Concomitantemente, já dizia Han: “autoexploração passou do “dever fazer” para o “poder fazer” vive-se com angústia e não estar fazendo tudo o que poderia ser feito”. Em outras palavras, se você não for um vencedor, fracassar, a culpa é sua. Existe uma lógica neoliberalista traiçoeira que se dispõe em sua própria alienação, ou seja, outrora a repreensão vinha dos outros, hoje o indivíduo se aliena

em si mesmo, deixando se levar pelo movimento da autoprodução, criando a falsa sensação de felicidade e liberdade, mas no fundo está intrinsecamente ligado à sua própria exploração.

As redes sociais, por sua vez, nos possibilitam criar laços que nos conectam a um mundo majoritariamente online interligando-nos virtualmente, no entanto, ela pode ser uma “faca de dois gumes”: quando estamos longe nos aproxima e quando estamos próximos nos distanciamos. Na maioria das vezes, criando a sensação de realização, satisfação e, além disso, ao mesmo tempo em que as redes sociais nos possibilitam um contato, mesmo que seja online, também nos possibilitam adentrarmos em um profundo e lastimoso cansaço virtual causado pela digitalização do dia a dia, o virtual ganhou o “novo normal” em nossa sociedade, isto é, o cansaço está na falsa sensação de existir através das redes sociais. Se nós não postamos uma foto ou uma publicação de texto nas mídias sociais simplesmente não existimos, ou seja, há uma necessidade de sobrevivência de nossa existência perante as redes sociais e, em determinados momentos, somos dominados pela digitalização existencial. Há uma necessidade de existir a partir do digital, isto é, vivemos numa sociedade digital cujo uma das formas de se conectar presencial são nos meios digitais, caso contrário, não existiremos.

De forma mais explícita que outrora, ouvimos o seguinte slogan: a sociedade está cada vez mais individualista, centrada em si, egoísta, digitalizada e de quebra narcisista, indivíduos valorizando o ter e não mais o ser, em consequência a isso, o narcisista é cego na hora de ver o outro, afirma Han.

O comportamento individualista parece prevalecer como forma de liberdade, todavia, é notoriamente percebido que o indivíduo se torna cada vez mais escravo de seu individualismo. Torna-se dono somente de si e com isso, acarreta sérios cansaços neuronal patológico causado pela ideia conjectural implantado dentro da sociedade.

O cansaço para Han é caracterizado pelo próprio indivíduo que se auto explora e sem perceber, acredita que isso seja sua realização. Concomitantemente, já dizia Han: “autoexploração passou do “dever fazer” para o “poder fazer” vive-se com angústia e não estar fazendo tudo o que poderia ser feito”. Em outras palavras, se você não for um vencedor, fracassar, a culpa é sua. Existe uma lógica neoliberalista traiçoeira que se dispõe em sua própria alienação, ou seja, outrora a repreensão vinha dos outros, hoje o indivíduo se aliena em si mesmo, deixando se levar pelo movimento da autoprodução, criando a falsa sensação de felicidade e liberdade, mas no fundo está intrinsecamente ligado à sua própria exploração.

Se nós não postamos uma foto ou uma publicação de texto nas mídias sociais

simplesmente não existimos, ou seja, há uma necessidade de sobrevivência de nossa existência perante as redes sociais e, em determinados momentos, somos dominados pela digitalização existencial. Há uma necessidade de existir a partir do digital, isto é, vivemos numa sociedade digital cujo uma das formas de se conectar presencial são nos meios digitais, caso contrário, não existiremos.

## 2A SOCIEDADE DO CANSAÇO

Cada época é marcada por suas enfermidades. Outrora, tínhamos como parâmetro a era bacteriológica que chegou em seu fim com a advinda do antibiótico, também havia preocupação pela era gripal, no entanto, o século XXI não é mais marcado pela era bacteriológica e, tampouco, gripal, mas sim marcado pelo cansaço neuronal. Deparamo-nos com doenças quase que majoritariamente neuronais, a saber: depressão, síndrome de burnout, déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), e transtorno de personalidade limítrofe (TPI) são vistas como doenças patológicas que surgem no início do século XXI. Não são infectuosas, mas infartos, não causados pela ideia de negatividade, todavia, pelo excesso de positividade. Portanto, a época passada foi caracterizada como era imunológica. Por isso, o século passado remetia-nos a um pensamento de dualidade entre o bem e o mal, o amigo e o inimigo, o sagrado e o profano, ou seja, o discurso social estava baseado nesta perspectiva paradigmática, mesmo sendo de difícil compreensão a ideia imunológica ultrapassou o campo biológico e adentrou no âmbito social.

Hoje a sociedade está adentrando cada vez mais numa constelação que se afasta totalmente do esquema de organização e de defesas imunológicas. Caracteriza-se pelo desaparecido da *alteridade e estranheza*. Alteridade é a categoria fundamental da imunologia. Toda e qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade. Mas hoje em dia, em lugar de alteridade entra em cena a *diferença*, que não provoca nenhuma relação imunológica. (HAN, Byung-Chul, 2015, p.7)

Ou seja, a ideia de alteridade em Lévinas, (1906-1995) está cada vez mais estranha em ter que pensar no outro, só existe o Eu. Por isso, havia uma grande preocupação, dizia Hegel (1770-1831): “as nossas consciências chegam no auge do autoconhecimento apenas quando em contato com o outro” quer dizer, a constituição da identidade do eu se dá na relação com o outro que me exige cuidado. A existência humana, portanto, se dá numa relação com o outro. Han, por sua vez, traz a ideia contrária, ou seja, hoje não existem relações que se pense no

outro.

O outro pode ser considerado um ser a se constituir primeiramente em si, trazendo consigo o pensamento de *diferença*, somos feitos de diferentes pensamentos e na nossa veia corre sangue mestiço, miscigenado de diferentes povos e culturas, por este motivo, analisar o pensamento de Han em nossa contemporaneidade é apresentar caminhos para a sociedade do hoje, do agora, do digital, que mesmo caminhando para um profundo cansaço neuronal, parece não se importar com o outro. Quer dizer, o desaparecimento da alteridade significa dizer que estamos numa época totalmente egocêntrica e pobres de negatividades porque os adoecimentos neuronais do século XXI são caracterizados pela dialética, não dá *negatividade*, mas sim da *positividade*.

A violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do *igual*. Baudrillard aponta claramente para essa violência da positividade quando escreve sobre o *igual*: “Quem vive do igual, também perece pelo igual” [4]. Baudrillard fala igualmente da “obesidade de todos os sistemas atuais”, do sistema de informação, do sistema de comunicação e do sistema de produção. Não existe imunorreação à gordura. Mas Baudrillard expõe o totalitarismo do igual a partir da perspectiva imunológica – e essa é a debilidade de sua teoria: “não é por acaso que se fala tanto de imunidade, anticorpos, de inseminação e aborto. Em tempos de carestia, a preocupação está voltada para a absorção e assimilação. Em épocas de superabundância, o problema volta-se mais para a rejeição e expulsão. A comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa” (HAN, Byung-Chul, 2015, p.10)

Outrora, nossos antepassados viveram em épocas de mudanças, hoje vive-se em mudanças de épocas, aonde a preocupação está na superabundância, no excesso de positividade que acaba tornando-o danoso à própria saúde, nunca imaginaríamos que iríamos chegar a este ponto, até mesmo pelo fato, da palavra “positividade” soar bem aos nossos ouvidos, no entanto, quando não se é bem compreendida, assimilada e absorvida o indivíduo tende a cair na frustração, gerando um cansaço mental, porque esperou, esperou, esperou, todavia, não aconteceu. A rejeição prefigura a ideia de *igual*, isto é, o indivíduo acaba adquirindo posturas que são tipicamente dos outros, e que, portanto, não é dele. E quando isso acontece, estará se igualando nos outros, tendo como efeito de causalidade a expulsão, ou seja, há uma ruptura na relação social entre o *Eu*, o *Outro* e o *Igual*. Pois, eu mesmo sou também o outro, e o igual poderá ser o eu, no outro.

Outro fator que também contribui para tal mudanças de épocas, é a comunicação

generalizada, não há uma moderação na veracidade da coisa em si. Exemplo disso, é que estamos atravessando momentos sombrios com a advinda da pós-verdade, isto é, as mídias sociais como nos telejornais, YouTube, Facebook estão focados em tudo e em todos, inclusive também na manipulação e persuasão. A fake News predomina em determinados momentos na sociedade e as redes sociais são uma forma de cansaço, pois, ao mesmo tempo que colabora na comunicação social, há uma superinformação na desinformação no próprio sujeito que se submete a viver uma vida virtual como se fosse o real, além disso, seria um reflexo e, ao mesmo tempo, exemplo concreto de que estamos mudando as nossas relações e, ainda mais, algumas posturas que são prevalentemente das redes sociais e que afetam diretamente o sujeito, tais como: bloquear, apagar e redefinir, isto é, são posturas que já atingiram a subjetividade cognitiva e que são encontradas com veemência na sociedade.

Concomitantemente, a sociedade tornou-se mais digitalizada, informada, tanto para o bem, quanto para o não bem, porque a geração digital chegou com toda a potência de comunicação e que hoje está imbuída e dominando a sociedade. A dependência das redes sociais e dos meios de comunicação em geral, quando não usados com moderação, causam profundos cansaços neuronais e patológicos, porque se cria uma falsa sensação de viver a vida, ou seja, cria-se uma dependência do virtual e com o passar do tempo troca-se a vida real pelo virtual, e a vida virtual pela real.

A sociedade caminha para um existencialismo digitalizado exacerbado, aonde tudo pode, não há regras que possam impedi-la de realizar tal ação e, mais ainda, os princípios éticos são deixados para traz, pois, já não trazem mais sentido significativo para fazê-los corretos, apenas para burlá-los, por isso, a sociedade se cansa, esgota e estar adoecendo mentalmente, caminha para uma mudança radical em seu estilo de vida.

A crescente positivação da sociedade enfraquece também sentimentos como angústia e luto, que radicam numa negatividade, ou seja, são sentimentos negativos. Se o *pensamento* mesmo fosse uma “rede de anticorpos e de proteção imunológico natural”, a ausência da negatividade transformaria o pensamento num *cálculo*. Possivelmente o computador conte de maneira mais rápido que o cérebro humano, sem repulsa acolhe uma imensidão de dados, porque está livre de toda e qualquer *alteridade*. É uma máquina positiva. Justo por causa de sua autorrelação autista, mas por falta de natividade, *o idiot savant* gera aqueles desempenhos que só seria capaz de realizar uma máquina computacional. No empuxo daquela positivação geral do mundo, tanto o homem quanto a sociedade se transformam numa *máquina de desempenho autista*. Poderíamos também dizer que precisamente o esforço exagerado por maximizar o desempenho

afasta a negatividade, porque essa atrasa o processo de aceleração. Se o homem fosse um *ser de negatividade*, a total positividade do mundo teria um efeito que seria nocivo. (HAN-Byung-Chul, 2015, p.30)

Ou seja, faz-se necessário ter equilíbrio nas relações sociais, em vista que o excesso de estímulos acarretará sérios problemas psíquicos. Há também, estímulos digitais na Geração Z<sup>1</sup>, que têm sua própria característica baseada em relações de conectividade, por isso, nesta geração, qualquer relação é preciso haver conexão para fluir um determinado encontro virtualizado através de equipamentos tecnológicos, que são as redes sociais. A ideia é tão alienante, que o sujeito acaba tendo que aderir, mesmo que seja nas entrelinhas do subconsciente, ao seu próprio martírio, deparando-se com a ideia de “obrigação”, ou seja, vê-se obrigado a fazer parte dessa sociedade, caso contrário, não se adaptará ao novo modelo de relacionamento social, cairá no esquecimento proposital e certamente não sobreviverá diante de todo este movimento virtual em que a sociedade atravessa.

Em vista disso, a sociedade do cansaço, portanto, “enquanto uma sociedade ativa, desdobra-se lentamente numa sociedade do doping”, afirma Han. Ou melhor, possibilita-se um desempenho sem esforço e gradativamente o sujeito torna-se uma espécie de robô virtualizado e digitalizado, favorecendo assim, sua autoexploração, pois, tende a torna-se uma máquina de sua autoprodução e, por conseguinte, exploração. O cansaço do desempenho, é mais solitário, e atua diretamente na individualização e no isolamento do sujeito, e mais ainda, acrescentando a ideia de mixofobia<sup>2</sup> social, que significa dizer que há um medo de relacionar-se com o diferente e que tem como efeito de causalidade o hedonismo<sup>3</sup> exacerbado, isto é, o cansaço identifica-se também, como uma forma de prazer, mesmo sabendo que haverá danos à saúde, por isso teremos:

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho

<sup>1</sup> A Geração Z – termo usado para facilitar o estudo sociológico dos nascidos em meados dos anos 1990 – são caracterizadas como nativas digitais, familiarizadas com a internet, o compartilhamento de arquivos, os telefones móveis, acessando a rede tanto de suas casas, como do celular, estando assim altamente conectadas (Dicionário de Sociologia, p. 213)

<sup>2</sup> Mixofobia é o medo de misturar-se com os imigrantes, com o diferente, o outro. Este termo foi usado por Zygmunt Bauman (1925-2017)

<sup>3</sup> Termo indica procura indiscriminada do prazer (Nicola Abbagnano, Dicionário de Filosofia, p. 497)

se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (HAN, Byung-Chul, 2015, p. 43)

Portanto, a sociedade do cansaço, possibilita-nos pensar nesta dualidade paradoxal da liberdade, criando-se a falsa sensação de realização, mas que no final, o explorador é o seu próprio algoz, martirizado e danoso e que na maioria das vezes passa despercebido por si próprio. Han, afirma que “estamos cansados enquanto sociedade”, e este cansaço afeta-nos diretamente nas nossas ações, seja eu comigo mesmo, ou com outro, é preciso ter sensibilidade diante deste novo paradigma social que está surgindo e emergindo paulatinamente, na sociedade e na vida dos jovens, crianças e adolescentes. A atenção devida é com as drogas/pílulas que usamos, pois há tipos de patologias neuronais que não possuem cura, mas existem apenas tratamento através das pílulas, ou seja, viciará no seu desempenho e ficará cada vez mais dependente. O pensamento filosófico de Han, desperta e sensibiliza às devidas atenções, diante de uma sociedade intimista e que lhe obriga a ser perfeitamente, perfeito.

### **3 O EXISTENCIALISMO NAS REDES**

Atualmente com o advento da era digital cogita-se que há uma relação existente entre as redes sociais e a sociedade de cansaço, na qual o indivíduo contemporâneo forja sua própria existência através de aplicativos de entretenimento nas redes sociais para não lidar com o seu eu, com seus conflitos internos, externos e existenciais, tornando a sua existência inautêntica. Os usuários correm riscos de perde-se nesse processo digitalizado, porque permanecem muito tempo conectados e afastam-se gradativamente de suas relações interpessoais, além do mais, buscam instantaneamente aceitação e aprovações que são advindas de comentários e curtidas provindas dos outros internautas e, que na maioria das vezes, o próprio indivíduo não os conhecem. Os cibernautas permanecem mais tempo conectados quando há um maior momento de “tédio” e publicam aquilo que acreditam que terá maior aceitação por parte de seus seguidores.

A sociedade do cansaço, por sua vez, adentra nas redes sociais na perspectiva capitalista

em que cada internauta é o seu próprio *Flyer*<sup>4</sup>. Quer dizer, há uma sintonia entre autopropagar e autoexplorar nas redes sociais acreditando-se na lógica capitalista incutida na ideia de “exposição” idealizando o benefício, todavia, o que há na verdade é apenas um abismo tecnológico que ao mesmo tempo que promove a sensação de felicidade, promove também, seríssimos e profundos cansaços neuronais. A autoexploração nas redes sociais são estarrecedoras, nunca imaginaríamos que o capitalismo iria chegar nos momentos de entretenimento dos internautas. Para Han, “o maior cansaço advém do capitalismo” também, por isso, o mesmo cansaço se manifesta através das redes sociais, ou seja, o que outrora era entretenimento, hoje torna-se um grande comércio digital e o existir através das redes sociais ganhará um novo formato em sua comunicação.

Sobretudo os jovens estão a viver esta mudança de comunicação, com todas as ansiedades, as contribuições e a criatividade própria de quantos se abrem com entusiasmo e curiosidade às novas experiências de vida. O envolvimento cada vez maior no público areópago digital das chamadas Redes Sociais, leva a estabelecer novas formas de relação interpessoal, influi sobre a percepção de si próprio e por conseguinte inevitavelmente, coloca a questão não só da justeza do próprio agir, mas também a autenticidade do próprio ser. (PASTORAL UNIVERSITÁRIA/ROTEIROS DE REFLEXÃO PARA UNIVERSITÁRIOS, 2011, p. 75)

Ou seja, o maior desafio da sociedade e do indivíduo em si, perante as redes sociais é justamente equacionar sua própria relação com outro de forma autêntica, porque o movimento social/digital o lança para uma lógica capitalista mercantilista que afunila o cansaço a partir do lucro excessivo, causando em si mesmo, autoexploração. Por conseguinte, a autenticidade entra em questionamentos, pois caracteriza-se como prioridade para uma possível superação do cansaço na digitalização nas redes sociais, porque quanto mais o indivíduo for autêntico em suas relações e ações, menos chance ele terá para cair no movimento da autoexploração e com isso, viverá para si e não para os seus internautas. A necessidade de existir nas redes sociais se dá, muitas das vezes, por motivações simplórias que ao longo de sua vida vive uma irrealidade e começa adquirir posturas que são majoritariamente virtuais, querendo viver como se fosse o real. O pensamento filosófico de Han, ajuda o indivíduo na conscientização de que o capitalismo incutido nas redes sociais leva a cansaços, e que na maioria das vezes, não têm volta, porque o cansaço se manifesta de variadas formas.

<sup>4</sup> Flyer significa folheto de propaganda (Dicionário de Oxford, p. 474).

Também ajuda, a romper paradigmas – que nascemos para as redes sociais - e afunila o modo de pensar, questionar e agir do indivíduo contemporâneo. Ajuda, por fim, a superar a ideia de que precisamos necessariamente existir nas redes sociais, porque apesar de ser algo inovador podem contribuir para o isolamento dos indivíduos.

O existencialismo digital, por sua vez, coloca em questão a reflexão do ser autêntico numa perspectiva de liberdade, pois acredita que o indivíduo seja livre em suas escolhas. Ressalta-se a relação do existencialismo digital na contemporaneidade como uma era que contribui para que os indivíduos sejam mais gélidos, introspectivos, recuados e imediatistas em suas relações. A superficialidade nos perfis dentro das redes sociais prefigura sua inautenticidade como internautas, que com o passar do tempo torna-se angustiado, perdido, e se alastrará cada vez mais ao mundo cibernético, a fim de suprir a sua necessidade de existir através das redes sociais, quer dizer, cria-se a sua cidadania digital, fazendo um espaço de relação mútua na sociedade e que, na maioria das vezes, constrói seu próprio vazio existencial, por isso.

Segundo Heidegger o encontro com o vazio pode ocasionar mudanças, que é no encontro com o nada que o homem se vê frente às possibilidades de escolhas e de mudanças. Porém na contemporaneidade, há uma debilitação das tradições, dos valores e o homem se encontra cada vez mais distante de si e do contato humano, onde a tecnologia exerce uma grande influência nas relações humanas, é possível pensar que o homem contemporâneo substitui o contato afetivo pelos contatos virtuais, e que há uma padronização de condutas e ideias que são reforçadas pelas redes sociais. (HEIDEGGER, 1927 *apud* RODRIGUES, BARBOSA, 2018, p. 6)

O indivíduo contemporâneo permite-se deixar influenciar pelas novas formas de relacionamentos com o seu próximo, a partir das redes sociais e suas tecnologias, uma vez que, ainda não se atentou para si mesmo, para as coisas que as circundam, tende a trocar contatos físicos por contatos virtuais, assim sendo, haurindo um novo modelo de se relacionar. No entanto, Han, adverte-nos “embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez.” Ou seja, enquanto sociedade os indivíduos são atraídos por essa embriaguez que são as mídias sociais e se não souber beber, cairá um profundo cansaço neuronal e existencial.

As redes sociais, por sua vez, adentra no pensamento filosófico de Byung-Chul-Han como um bem que faz mal, e que pode, além do entretenimento, servir como ferramenta de trabalho, podem, porém, prender no mundo vazio e sem vida, pode ser um acelerador para

construção de uma inautenticidade, isto é, ser alguém virtual que não é no real. E em contra partida, pode-se amenizar o cansaço nas redes sociais, desfrutando-se da companhia real das pessoas, valorizando a familiaridade em determinados ambientes, a saber; escolas, na própria casa, e acima de tudo, desconstruindo-se de ideologias danosa, doentias e que as causam cansaços, para se reconstruir um novo indivíduo sensível ao seu tempo e contexto, crítico perante a sociedade que a todo instante o induz para as relações digitais.

A busca por *likes*, seguidores e apreciação diante das redes sociais, faz do indivíduo ser narcisista e aumenta ainda mais, sua necessidade de existir através das redes sociais e por conseguinte, cairá num “tédio” profundo diante de seu próprio vazio, partindo do pressuposto cultural da sociedade.

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo. (HAN-Byung-Chul, 2015, p. 19)

Por isso, para superar esta sensação de cansaço, faz-se necessário frear, contemplar mais a sua própria realidade e autoperceber-se, pois, diante das diversidades tornar-se criativo passou a ser uma urgência. Concomitantemente, analisar a sociedade do cansaço de Han, é evidenciar tal urgência, e ao mesmo tempo, propagar na comunidade acadêmica e aos internautas que o cansaço na digitalização existe e que às vezes, passa despercebido, por isso, ouvimos o seguinte slogan: “estamos cansados enquanto sociedade” ou então “estou cansado em não fazer nada” são características típicas de indivíduos digitalizados.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa discussão procuramos evidenciar nesta pesquisa a importância de auto perceber-se no processo filosófico de Han, partindo do pressuposto que entramos num novo modelo de análise da sociedade e que, no qual estamos imbuídos e faz-se necessário sensibilizar-se diante do uso das redes sociais, pois, observou-se que a sociedade do cansaço e o existencialismo da digitalização nas redes sociais atinge uma grande parcela da sociedade e que ainda, desconhecem as raízes de certos cansaços neuronais patológicos.

O presente estudo ratifica a influência das redes sociais na vida do homem contemporâneo, que mesmo estando numa época digitalizada, ainda têm dificuldades de se adaptar ao novo e com isso adquire-se conceitos de *status*, que na maioria das vezes, não condiz com sua vida e com isso sucumbe em um profundo e lastimoso cansaço. Também foi possível, notar que a crítica de Han, sobre o capitalismo, no qual o indivíduo se explora e acha que é sua felicidade, surtirá efeito na vida e no pensamento do homem contemporâneo.

Constatamos ainda, que ganhar curtidas, seguidores e comentários nas redes sociais, alimentam um certo ego e, que na maioria das vezes, gera momentos de frustração e solidão. Fica, nítido, portanto, que a sociedade do cansaço e o existencialismo da digitalização nas redes sociais afetam não só a geração z, mas todos que habitam nesta sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*; tradução da 1º edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti – 4º ed- São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALES, Ângela Belo. *Introdução à Fenomenologia*. Tradução. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru: Edusc, 2006.

COSTA, Poliana Emanuela da. *Inautenticidade e Finitude em Heidegger*. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, Natal-Rio Grande do Norte, v. 3, p. 1-9, ago. 2012.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *No Exame: Perspectivas Do Digital*. Tradução de Lucas Machado. – Petrópolis,

RJ:Vozes, 2018.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Os pensadores; p 5-331 São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1999.

OXFORD, University. *Dicionário para estudantes brasileiros de Inglês*, second edition 2007, revised, 2009.

HUTCHESNS, B.C. *Compreender Lévinas*. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne. 2º ed. Petrópolis: RJ: 2009.

PASTORAL, Universitária/*Roteiros de Reflexão para Universitários - Uma experiência*; 1º edição CNBB, Brasília, 2011.

RODRIGUES, Vanessa Macedo; BARBOSA, Flávia de Carvalho. *As Redes Sociais e o Vazio Existencial*. Revista Brasileira de Ciências da Vida. v. 6 n. 2 (2018). Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=as+redes+sociais+e+o+vazio+existencial&btnG=>](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=as+redes+sociais+e+o+vazio+existencial&btnG=>)

---

---

PALMA, M. A. M. M., HERCULANO, V. C., *A Sociedade do Cansaço de Byung-Chul-Han: o Existencialismo da Digitalização das Redes*. **Complexitas - Rev. Fil. Tem.** Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan./dec. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/10133>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

---

---